

Aterro inviabiliza a ocupação

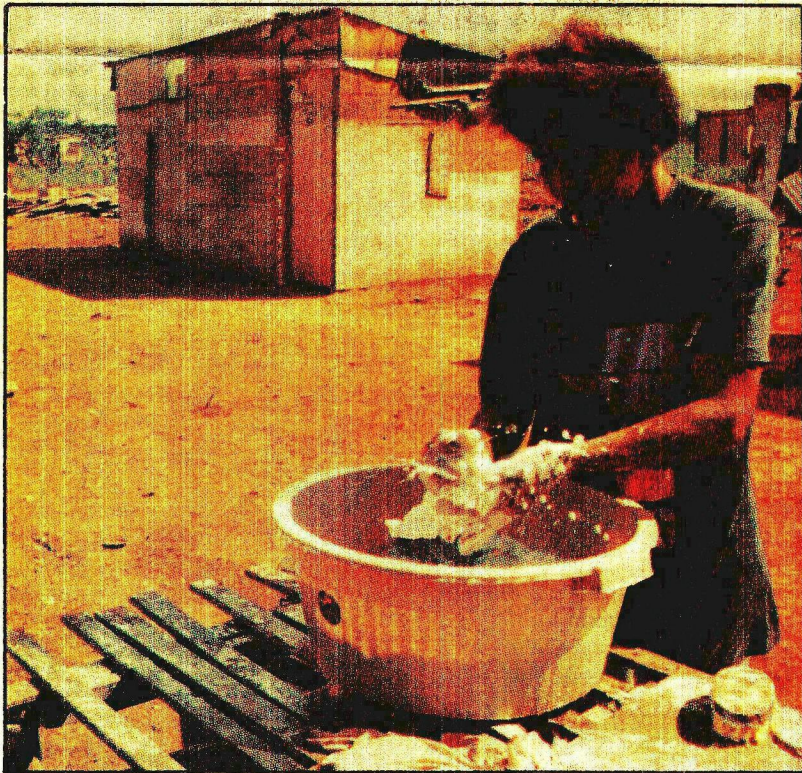
A criação do aterro sanitário, com recursos do Banco Mundial no valor de US\$ 1,9 milhão, “enterrou” de vez as esperanças dos empresários de conseguir junto aos órgãos governamentais a disponibilização de 1.983 lotes do SCIA.

Em 1990, o EIA/Rima do setor já apontava a inviabilidade da ocupação de todos os 635 hectares, devido à utilização da área de 128 hectares para depósito de lixo in natura. No encontro, a expectativa dos empresários era de que o depósito fosse removido e a área liberada.

O projeto de recuperação do Lixão e criação do aterro sanitário, aprovado pelo Conselho do Meio Ambiente, prevê o tratamento do lixo depositado no local através da utilização de microorganismos e bactérias para decomposição e diminuição do teor de contaminação

do lixo. A área ocupada será reduzida a apenas 45 hectares, mas isso não implica em que os 117 hectares restantes possam ser utilizados. “Só daqui a uns 50 anos, segundo as normas ambientais internacionais”, explica Chico Floresta, secretário de Meio Ambiente.

O secretaário admite que algumas famílias de catadores de papel serão assentadas no local e empregadas na seleção do lixo. “São pessoas que comprovadamente sobrevivem dessa atividade”. Apesar das promessas do secretaário Chico Floresta, os moradores se mostram apreensivos. “É preciso que o GDF o jogue limpo com a gente. Já recebemos muitas promessas de que seríamos assentados no local. Até hoje, de concreto, nada nos foi passado. Por isso, é importante que definam o nosso destino”, disse um morador.



Moradores esperam garantias do GDF de que não terão de sair